

“Deixando de lado os entretantos e partindo direto para os finalmente”: experiência de leitura compartilhada de O Bem-Amado de Dias Gomes

Laila Rayssa de Oliveira Costa¹

RESUMO

Essa comunicação oral tem por objetivo apresentar um relato de experiência de uma intervenção didática realizada por meio de leitura compartilhada em sala de aula com estudantes do ensino médio. A proposta ocorreu durante as aulas de Português e viabilizou o contato com o texto literário pelos estudantes de forma efetiva já que o livro foi lido em voz e em sala de aula. A obra escolhida foi a peça teatral *O Bem-Amado* (1962) do escritor Dias Gomes e a leitura ocorreu com alunos da 1ª série do ensino médio em uma escola pública estadual da cidade de Fortaleza, Ceará. A partir dessa experiência, levantou-se questionamentos relacionados à escolha da obra bem como ao tipo de leitura a escola deveria proporcionar. Após a leitura de todo o livro, os estudantes responderam a um questionário sobre a experiência deles com o texto e com a leitura em voz alta. Tais aspectos serão discutidos. Para a discussão teórica acerca das impressões tidas, amparo-me à noção de educação literária apresentada por Colomer (2007), mas também utilizo outros autores, dentre eles Zilberman (2009), Santaella (2013). Espero que, com esse trabalho, seja possível refletirmos sobre estratégias mais efetivas para o uso do texto literário em sala de aula.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem por objetivo apresentar uma intervenção didática realizada por meio de leitura compartilhada em sala de aula com estudantes do ensino médio. O livro escolhido foi a peça teatral *O Bem-Amado* (1962) do escritor Dias Gomes e a leitura ocorreu com alunos da 1ª série do ensino médio em escola pública estadual da cidade de Fortaleza, Ceará. A proposta viabilizou o contato com o texto literário pelos estudantes de forma efetiva e levantou questionamentos relacionados à escolha da obra e o tipo de leitura que a escola deveria proporcionar, bem como os objetivos da prática leitora.

Quando estudante do ensino médio, eu tinha certa intimidade com os livros, mas de forma solitária - não tenho lembranças de leituras coletivas em sala de aula, por exemplo. Ao retornar à escola, desta vez como professora, continuava a perceber a ausência da leitura no espaço escolar além da manutenção do foco no conteúdo, relacionado à historiografia em detrimento da leitura literária, especialmente em voz alta, durante as aulas.

¹ Professora da rede estadual do Ceará (SEDUC) e doutoranda da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: lailarocosta@gmail.com

Não oferecer a possibilidade de contato com o literário é tirar parte das chances de o estudante desenvolver competências, conhecer mundos, apreender formas de expressar seus sentimentos. Michele Pétit afirma que

Ler serve para encontrar fora de si palavras à altura de sua experiência, figurações que permitam encenar, de maneira distanciada ou indireta, aquilo que vivemos, sobretudo os capítulos difíceis da história. Para disparar tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, acompanhados por uma sensação de prazer e pela libertação de uma energia entranhada. Ler serve para descobrir não por meio do raciocínio, mas de uma decifração inconsciente que aquilo que nos assombra nos intimida, pertence a todos (PETIT, 2019, p. 54).

É preciso, portanto, que a escola - também através da literatura - seja um espaço onde os jovens encontrem por meio da leitura formas de viver. Por isso, a falta de momentos de leitura de textos literários me motivou a pensar maneiras de trazer para o estudante a possibilidade de entrar em contato com eles. Muitas vezes, o que percebia era também a impossibilidade de eu realizar leituras literárias que me agradassem, visto que me via obrigada a cumprir as exigências que rodeiam o universo docente. Corroboro, então, o que Marisa Lajolo já havia afirmado:

[...] o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada (LAJOLO, 2001, p. 16).

Pensar em formas de trabalho com o texto, portanto, não se trata apenas de querer que estudantes leiam, mas também de tornar uma prática a leitura por parte dos professores da disciplina Português.

Trabalhei em uma escola particular de grande porte de Fortaleza onde a lista de livros ainda sugeria paradidáticos, boa parte escolhidos com base na lista de leituras obrigatórias da Unicamp. Um deles era *O Bem-Amado*, uma das peças teatrais de Dias Gomes, a qual se tornou de certa forma bastante conhecida por ter sido levada para o universo do audiovisual ao ser transformada em novela em 1973.

Escolhi trabalhar com essa peça teatral. Isso se deu por se tratar de um texto teatral, curto, contemporâneo e com versão em PDF. Além desses aspectos práticos, o livro apresenta, em seus 9 quadros (equivalentes a capítulos), a história do caricato Odorico Paraguaçu, um político demagogo e corrupto, eleito pela promessa de construir um cemitério em Sucupira, pequena cidade do litoral baiano. Além dele, há ainda 13 personagens, característica da obra que me interessava por demandar a participação de mais estudantes na leitura.

O objetivo da leitura não era apenas deleite, mas também a realização de uma atividade avaliativa, pois foi uma forma que encontrei de adequá-la às exigências do universo

escolar. A atividade deveria ser a produção de postagens a serem publicadas nas redes sociais populares entre os estudantes. Essa foi uma estratégia de averiguar a leitura sem necessariamente realizar uma avaliação escrita e de evitar o que a escola tende a fazer que é a reproduzir através da averiguação da leitura da obra por meio de provas e avaliações (EZEQUIEL, 1999, p. 16).

Além disso, a exigência de testes avaliativos sejam eles mais tradicionais ou mais lúdicos não garantem a efetiva leitura dos textos:

Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato de leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede (LAJOLO, 2001, p. 15).

O contato não foi solitário, afinal líamos juntos. Entretanto, pelo menos a abertura ao novo aconteceu.

Após o período de leitura e de conclusão das atividades, os estudantes foram convidados a responder um questionário no qual havia uma avaliação que eles deveriam fazer sobre essa experiência.

O presente relato de experiência, portanto, pretende apresentar como se deu a proposta na seção metodologia, já em resultados e discussões fazer uma análise de pontos positivos e negativos do andamento dela. Por fim, nas considerações finais, serão colocadas propostas de continuação da pesquisa.

METODOLOGIA

A leitura do livro *O Bem-Amado* de Dias Gomes foi realizada durante as aulas de Português de uma turma de 1ª série do ensino médio em escola pública estadual localizada na periferia da cidade de Fortaleza, Ceará. A proposta de leitura estava vinculada à produção de atividades a serem realizadas semanalmente a fim de gerar uma nota de avaliação parcial.

Foi realizada a leitura do texto integral em sala, o que ocorreu em 8 dias. Toda semana, até o domingo, os estudantes deveriam fazer uma postagem em uma rede social fazendo um resumo dos dois últimos capítulos lidos. Como a leitura começou antes de eles darem início às postagens, durante todas as semanas os resumos eram feitos dos capítulos já lidos. Ao término da leitura, os estudantes foram convidados a responder uma pesquisa para deixarem por escrito um pouco da experiência deles.

A atividade avaliativa consistia na recriação da obra no formato de perfil das redes sociais Tik Tok e Instagram ou podcast em plataforma a ser escolhida por eles. Os grupos que

decidiram qual o formato mais interessante para eles. Seria, portanto, realizada a leitura oral, compartilhada, semanalmente de um quadro ou parte dele e, na mesma semana, os estudantes deveriam postar um vídeo no Tik Tok, uma postagem no Instagram ou um episódio do podcast referente aos quadros. Os critérios foram:

- Manutenção do conteúdo da história (2 ponto)
- Criatividade e originalidade na produção (2 ponto)
- Lógica na organização do texto (3 pontos)
- Linguagem, estilo, organização e formatos apropriados ao assunto (1 ponto)
- Pontualidade nas postagens e envios (2 pontos)

Já o cronograma das postagens foi:

Quadro 1 - Cronograma de postagens

02/05 a 06/05	Criação dos perfis na rede social escolhida
09/05 a 13/05	Apresentação das personagens
16/05 a 20/05	Primeiro e segundo quadros
23/05 a 27/05	Terceiro e quarto quadros
30/05 a 03/06	Quinto e sexto quadros
06/06 a 10/06	Sétimo, oitavo e nono quadros

Fonte: 1) Autoria própria (2022).

Ao final do semestre, os estudantes receberam um formulário online ao qual eles poderiam responder sem se identificar. Essa foi uma tentativa de fazer com que eles respondessem da forma mais sincera possível. As perguntas foram:

1. Como foi a sua experiência de leitura do livro "O bem-amado". (resposta de 0 a 5, sendo 0 - péssimo e 5 - excelente)
2. Quando a professora *** informou que a turma leria um livro, você se sentiu? (resposta de 0 a 5, sendo 0 - totalmente desanimado e 5 - totalmente animado)
3. Você conseguiu acompanhar a leitura em todas as aulas em que você esteve presente? (resposta de 0 a 5, sendo 0 - não acompanhei nenhuma vez e 5 - acompanhei a leitura em todas as aulas)
4. Qual a probabilidade de você indicar a leitura de "O bem-amado"? (resposta de 0 a 5, sendo 0 - muito improvável e 5 - muito provável)

5. Durante o período em que o livro foi lido em sala, você teve interesse em continuar ou continuou a leitura em casa? (resposta sim ou não)
6. Você teve interesse em ler outros livros? (resposta sim ou não)
7. O que você achou de poder usar o celular para realizar a leitura do livro? (resposta subjetiva)
8. Você considera importante realizar leituras de textos literários em sala de aula? Justifique sua resposta. (resposta subjetiva)
9. Durante as aulas em que foram realizadas as leituras, você sentiu falta de algo? Caso a resposta seja "sim", de quê? (resposta subjetiva)
10. Se possível, faça um comentário sobre a leitura de "O bem-amado". (resposta subjetiva)
11. Por fim, há alguma sugestão de leitura que você gostaria de dar? Qual(is)? (resposta subjetiva)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a apresentação da proposta na seção anterior, é necessário discutir alguns aspectos percebidos no processo. O primeiro deles é que, ao informar aos estudantes que iríamos ler um livro, eles reagiram de forma muito negativa. Eles se mostraram visivelmente incomodados com essa possibilidade, parecia que ler um livro seria a pior atividade possível. Ao comunicar que a atividade realizada a partir da leitura seria nota de avaliação parcial, pareceu algo mais aceito. Não parecia haver para a maioria a consciência de que:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Possibilitar encontros entre o estudante e a literatura, portanto, é oferecer a ele a oportunidade de se deparar com outras formas de apreender o mundo ou vê-lo a partir dos olhos de um outro, algumas das vezes de forma bastante íntima. Essa interação complexa com a palavra e, conseqüentemente, com os sentidos e significados é enriquecedora. É preciso, entretanto, compreender quem é o leitor no contexto atual.

Santaella (2013) elenca “três grandes tipos de leitores”. O primeiro, leitor contemplativo, é aquele da idade pré-industrial, meditativo, consumidor do livro impresso e da imagem fixa. O segundo, leitor movente, é constituído a partir da Revolução Industrial e

do surgimento dos grandes centros urbanos, ou seja, está inserido em um mundo dinâmico em que sinais e linguagens se misturam nas metrópoles. Já o terceiro, leitor imersivo, nasce nas redes de comunicação e informação computadorizadas.

Do cruzamento de características do leitor movente com o leitor imersivo, Santaella fala da emergência do leitor ubíquo. Este recebe essa adjetivação

[...]porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo, a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar, o que repercute nas esferas de trabalho, de entretenimento, em que os games ocupam posição privilegiada, de serviços, de mercado, de acesso e troca de informação, de transmissão de conhecimento e de aprendizado.

Refletir sobre esse “novo” tipo de leitor é fundamental para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem que atingirão esse público. Isso porque é evidente que a relação que esses estudantes têm com o ato de ler é afetada pelo modo como vivem no mundo. Santaella, ainda, considera que existe o desenvolvimento de habilidades diferentes que dependem do perfil a ser estimulado, sendo, segundo a autora, dois tipos de perfis, os fazendeiros e os caçadores. Os primeiros precisariam focar em “uma coisa de cada vez”, enquanto os segundos necessitariam de uma percepção rápida para buscar de forma ágil a presa. Apesar das diferenças, ambos têm sua função na sociedade. Entretanto

Por séculos, as escolas foram pensadas para criar fazendeiros. (...) Nesse ideal está implícita a expectativa de que a atenção deve se concentrar em um único estímulo por algum tempo de cada vez. Mas esse tipo de atenção seria um desajuste para as necessidades do caçador. Ora, o perfil cognitivo do leitor ubíquo coincide com o do caçador (SANTAELLA, 2013, p. 281).

Existe uma grande chance de o estudante com quem temos contato hoje ter um *smartphone* e, a partir dele, realizar atividades distintas e simultâneas. Esses jovens leem textos (curtos ou não) e imagens, enquanto ouvem músicas, ou digitam uma mensagem ao mesmo tempo em que conversam presencialmente com outra pessoa. Isso tudo não apenas como algo pontual, mas como prática corrente, o que torna, no mínimo, compreensível a apreensão de se ver “obrigado” a permanecer sentado, lendo um texto que para eles seria extenso.

A fim de trazer o celular como ferramenta, usei a versão digital em PDF de *O Bem-Amado*, o que contribuiu, visto que a escola não tinha no seu acervo a quantidade necessária de exemplares de *O Bem-Amado* e a maioria dos alunos possuía um celular ou o *tablet* (este eles receberam do governo do estado durante a pandemia). Foi uma forma de usar a tecnologia tão apreciada por eles e combatida por nós de maneira produtiva. Chartier (1999, p. 13), por exemplo, pontua que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas

estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”. Com isso, é importante considerar essa nova tecnologia como parte do processo.

Começamos a leitura no dia 06 de maio de 2022. Faltando em torno de 30 minutos para o fim da segunda aula de Português, perguntei quem gostaria de ler e poucos se disponibilizaram, mas com certa insistência contemplamos todas as personagens do primeiro quadro do livro. Como a leitura foi rápida, concluímos o primeiro quadro e demos início ao segundo. Não conseguimos finalizar essa parte porque o sinal do intervalo tocou.

A leitura em voz alta promove um contato com o texto literário diferente do oferecido pela leitura silenciosa, porque

é uma maneira de incorporar a experiência da leitura literária, de oportunizar um contato efetivo com as obras, ou seja, trata-se de uma experimentação no próprio corpo, mais especificamente, na voz, da palavra do outro, escrita e inscrita na obra (OLIVEIRA, 2010, p. 295).

Durante a leitura em voz alta, corpo e voz somam-se para tornar possível tal experiência. É quando o que lê pode concretizar o que foi dito por um outro. Uma prática que não é recente, mas antiga. A oralidade faz parte do que se entende por literatura desde sua fundação. Apesar disso, a depender do período, encontram-se funções distintas para os modos de ler:

Desde a Antiguidade, ler em voz alta tem, basicamente, dois propósitos. De um lado, uma função pedagógica: demonstrar que se é um bom leitor, lendo em voz, constitui um ritual de passagem obrigatório para os jovens que exibem, assim, seu domínio da retórica e do falar em público. Por outro lado, um propósito literário: ler em voz alta é, para um autor, colocar um trabalho em circulação “publicá-lo”. Esse modo de publicação não foi abandonado no início do período moderno, seja como forma única para a circulação de um texto, seja antes de um surgimento da edição impressa (CHARTIER, 1999, p. 21-22).

Com a imprensa, o texto publicado em papel ganhou espaço na sociedade. A leitura silenciosa, então, deixou de ser uma atividade dos monges, para se tornar comum a mais pessoas. Descobriu-se que esse tipo de leitura, permitia uma relação mais íntima, livre e reservada com o texto (CHARTIER, 1999), mas, também, o aspecto pedagógico se manteve, especialmente entre os estudantes das séries iniciais. A leitura em voz alta pode ser avaliada sob o viés da proficiência, ou seja, se a velocidade de leitura do estudante está adequada e se ele consegue ler as palavras sem “atropelá-las”.

No segundo dia de leitura, observei que os estudantes se mostraram mais abertos à proposta de ler em voz alta, diferente do dia em que apresentei a obra a eles. Interpreto essa diferença de comportamento na percepção deles de que o texto foi escrito em linguagem mais popular e próxima da coloquialidade, o que tornava a leitura mais fluida e rápida.

Como começamos a ler o livro no dia 6 de maio de 2022, na primeira semana, eles ainda não precisaram fazer a primeira postagem, apenas me informar qual suporte iriam utilizar para fazerem o resumo ou a recriação. Dois grupos escolheram criar um podcast; os outros, uma conta no Instagram.

A partir do segundo encontro, houve maior engajamento nas leituras em voz alta, com grande interesse na participação. Era necessário fazer uma seleção de quem iria ler e substituir os intérpretes nas trocas de quadro, dado tamanho entusiasmo.

Tal relação entre alunos e texto mostrou como *O Bem-Amado*, escrito em época relativamente bem mais antiga em relação a idade dos jovens do 1ºano, ainda dialogava com aqueles que o liam:

Pois é característico dos textos literários que não percam sua capacidade de comunicação depois que seu tempo passou; muitos deles ainda conseguem “falar” mesmo depois que sua “mensagem” se tornou histórica e sua “significação” se trivializar (ISER, 1996, p. 40).

Embora a figura do político, de modo geral, não esteja cristalizada no comportamento de Odorico Paraguaçu, há aspectos que dialogam com a realidade deles ou com o que lhes interessam.

Durante as leituras, alguns buscavam interpretar de forma caricata as falas das personagens, outros realizavam uma leitura menos entusiasmada; porém não queriam deixar de representar. Durante os encontros e publicações, a turma pediu que o prazo de postagem das atividades fosse ampliado, assim, em vez de ser realizada de segunda a sexta, que fosse de segunda a domingo. Argumentaram que a semana demandava muitas atividades e que durante o final de semana, as exigências eram menores, consequentemente e mais tranquilo para as produções - considerei a argumentação válida e prontamente atendi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, para além da criação de novos mundos para os quais podemos nos deslocar por meio da imaginação, enriquece os estudantes com novos sentidos. Entretanto, para alcançar esses objetivos, é preciso que ela seja lida. É preciso que os textos sejam usados em sala não apenas como exemplificações de escolas literárias; mas principalmente como lugar de experiência com o diferente.

Apesar das dificuldades, considero positiva a experiência por diversas razões, entre elas ter sido o primeiro contato com um livro considerado literário. Além disso, entre esses

que nunca haviam lido um livro desse tipo, muitos gostaram. Também é válido lembrar dos momentos divertidos durante a leitura, o que tornou o processo leve.

Por fim, ao retornarmos das férias, algumas alunas me perguntaram se leríamos novamente algum outro livro, pois elas tinham gostado bastante tanto por ter sido algo compartilhado quanto por terem tido a oportunidade de conhecer um autor brasileiro o qual gostaram de ler. Com isso, sinto ânimo para continuar investindo na leitura literária em sala de aula,

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no ocidente”. In: **Leitura, história e história da leitura**. ABREU, Márcia (org.) – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo : Fapesp, 1999.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma Teoria do Efeito Estético. São Paulo: Editora 34, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do mundo**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002.

PÉTIT, Michele. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. Leitura, voz e performance no ensino de literatura. **Signótica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, jul/dez, 2010.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo. In: **Comunicação ubíqua**: Repercussões na cultura e na educação. - São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, E.T.da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. In: **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun., 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, n. 14, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.